

Nossa vida comunitária

Batismos de setembro

02/09

Júlia Tiemi Arantes Marinho
Erick Lemos Murta
Ana Laura Lemos Murta
Mayumii de Lima Pereira
Arthur Yuji Viecili Togame

08/09

Marjorie Pompermaier Franceschetti

16/09

Ivan Rogério Raganhau

Casamentos de setembro

Casamentos

15/09

Guilherme Luis Lutz Morelli e
Daniela Fernandes Dias

Bodas de setembro

Bodas

05/09

48 anos de Antônio e Carmela Selenko

09/09

35 anos de casamento de
Darci e Ana Peres

Programação de outubro

03/10 14h Missa no Hospital São Vicente
19h30min CAEP

04/10 14h Reunião da Pastoral da Pessoa com Deficiência
19h30min Curso Bíblico-Teológico

06/10 9h às 12h Retiro da Catequese
14h Curso de Batismo

10/10 19h30min CPP

11/10 19h30min Curso Bíblico-Teológico

12/10 FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA
9h30min Trezena de São Francisco de Paula
10h Missa

17/10 Aniversário do Coral Charitas

18/10 20h Missa dos Médicos Católicos
Obs: Não haverá missa às 18h

21/10 18h Missa com o Coral Charitas

24/10 20h Reunião com os pais da Catequese

25/10 19h MESC e SALP – Formação para todos
os envolvidos em liturgia

27/10 17h Crisma das pessoas com deficiência

31/10 19h30min Grupo Fratelli in Dio

OBS: Todas as terças-feiras, às 20h, Reunião da Pastoral da Sobriedade.

Aniversariantes do mês de outubro

Parabéns a todos os dizimistas de nossa Paróquia.

01/10 Beatriz Brunetti Nunes

01/10 Diná Frehse

02/10 Nilo Algacir João König

03/10 Maria Teresa Xavier da Silveira

03/10 Joaquim Lopes

04/10 Leony Calderari Távora

05/10 Luiz Henrique Canet

05/10 Renato Violani Carneiro

06/10 Danieli Somensi Krokosz

07/10 Rina Bertoldi Piccinini

10/10 Deusdete Hyczy Pellissari

11/10 Amábile Morteau Maistro

11/10 João Gabriel T. Soto

11/10 Silene Cartaxo

14/10 Regina Madalena Gaspar

15/10 Celso Vidolin

15/10 Angela F. H. Villanova

16/10 José Luiz Paula

16/10 Maria Fernanda Bruni

16/10 Simone Maria Tavnaro Pereira

18/10 Antônio Sanches

19/10 Maria Theodora Pontes Brebal

21/10 Julieta Nauiacke

21/10 Sueli Bassam

22/10 Adir Nasser Junior

25/10 Jucelino José Stella

26/10 Elaine Marques Garcia Vidolin

28/10 Jacqueline Maria Ferreira

29/10 Ivete Zagonel Mendes

30/10 Darcy Ghilardi Teles

30/10 Marta Domanski

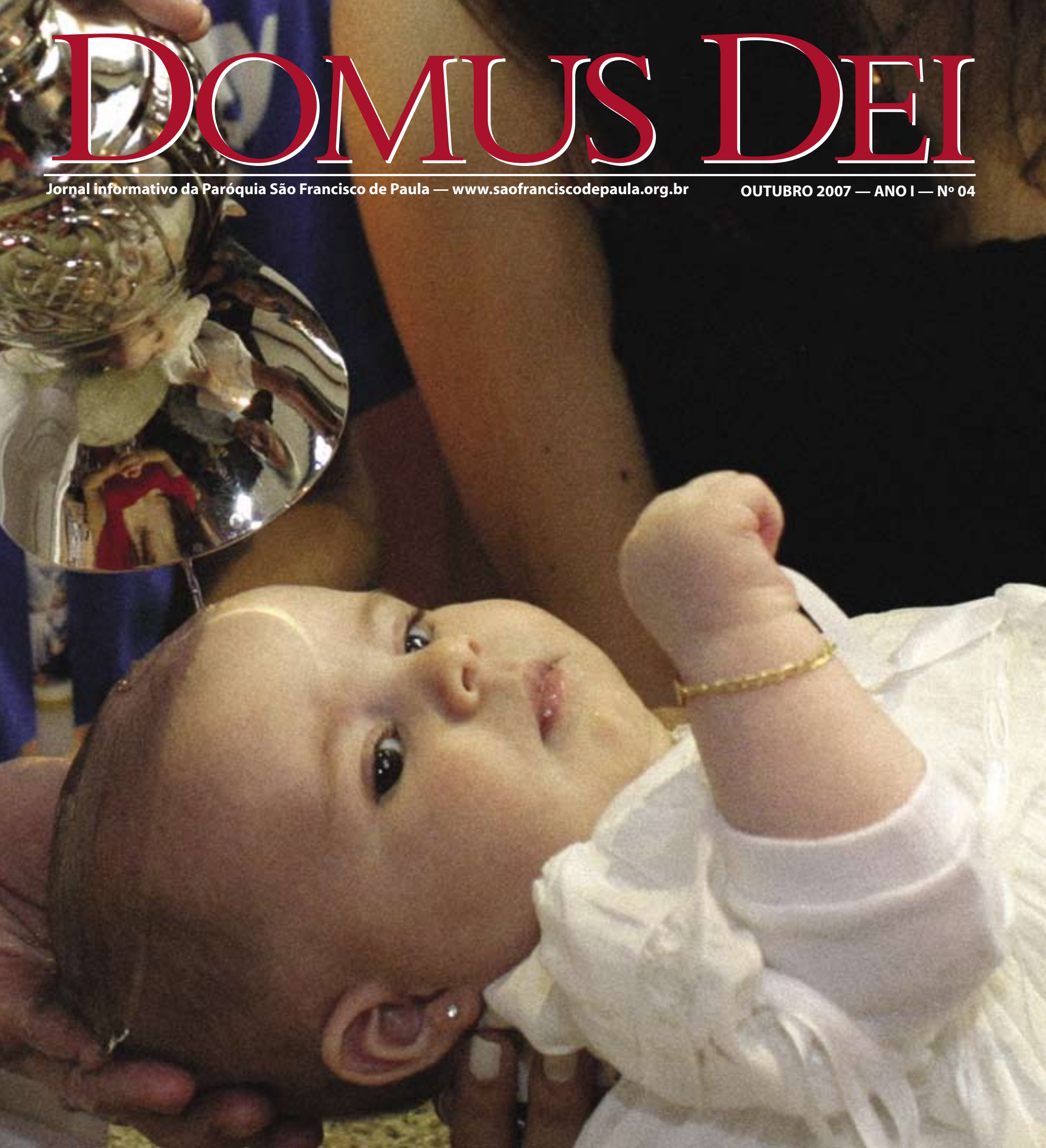
31/10 Gerson Ferreira dos Santos

31/10 Lucinéia Andretta Vieira da Silva

DOMUS DEI

Jornal informativo da Paróquia São Francisco de Paula — www.saofranciscodepaula.org.br

OUTUBRO 2007 — ANO I — Nº 04



Outubro missionário, no ambiente em que vivemos.

A dificuldade da evangelização nos centros urbanos é evidente. Olhem para nossa cidade! Vem crescendo vertiginosamente. Vamos percebendo isso no trânsito, nos bancos, nos tubos de ônibus, no aglomerado de pessoas que caminham pelo centro da cidade. Mas nossas periferias não estão tão diferentes. Tem bairros que já são equipados por todo tipo de loja, shoppings e todo tipo de serviço para a comunidade. Em nossa paróquia é visível como cresceu o número de bares para os jovens. São baladas e mais baladas para todos os gostos e exigências. De todo esse cenário vem a pergunta: como evangelizar

nos centros urbanos? A Igreja já não pode ficar nos moldes passados em que todos vinham à paróquia como centros de convivência e encontro. Hoje a Igreja não está no lugar mais alto e nem é o centro das festas. Estamos cercados de prédios e somos confundidos dentro da arquitetura urbana de uma selva de pedras. Mesmo as crianças têm uma agenda tão cheia e repleta de atividades que a catequese se tornou até um peso e empecilho para o desenvolvimento dos filhos. A concorrência é injusta. Os atrativos que a cidade oferece obscureceu qualquer tentativa de espiritualidade, silêncio interior ou religiosidade. Tudo isto se tornou obsoleto e



Reflexão e formação à comunidade, missão da equipe Domus Dei.

desnecessário diante de tantas outras prioridades. Para sobreviver na selva dos centros urbanos você precisa se anular, encontrar uma tribo e fazer tudo o que os outros fazem.

Eis, portanto nosso desafio. Como falar de Deus, de religião e de assuntos pertinentes aos valores em um espaço tão competitivo e imediato. Enquanto nós falamos de valores que não passam, isto é, eternos, muitas pessoas acham que esta conversa é enfadonha e a eternidade está muito longe, distante e, no agora, não há tempo para pensar nisso.

Então ao começarmos o mês missionário espero que estejamos atentos a uma missão muito importante em nossa vida cristã: evangelizar os centros urbanos como espaços em que Deus também se revela. Talvez estejamos desatentos aos apelos de Deus em nosso meio e toda essa complexidade que nos rodeia pode ser uma chamada de atenção para sermos missionários também no ambiente em que vivemos.

Pe. Ricardo Hoepers
Pároco

Expediente Paroquial

Missas: de terça à sexta-feira às 18 horas

Sábados: às 17 horas (missa da Pastoral dos Surdos) e 19 horas

Domingos: 8 horas, 10 horas e 18 horas

Todas as quintas-feiras: adoração ao Santíssimo Sacramento às 17 horas

Trezena de São Francisco de Paula: todas as sextas-feiras logo após a Santa Missa

Horário de atendimento da Secretaria: de terça a sábado das 14 às 18 horas (Pela manhã não há expediente)

Atendimento de confissões e aconselhamentos: de terça a sábado das 14:30 às 17:30

Curso de Batismo: todo primeiro sábado do mês, às 14 horas. Inscrição na hora

Capa desta Edição: Marjorie Pompermaier Francheschetti na cerimônia de seu batismo. No batismo inicia-se a missão do cristão.

Domus Dei — Ano 01 — Nº 04 — Outubro 2007 | Publicação mensal da paróquia São Francisco de Paula | Rua Des. Motta, 2500 — Centro — CEP 80430-200 — Curitiba — PR
Fone/Fax: 41 3223-7924 | **Edição:** Jubal Dohms — Dohms Comunicação: 41 3323-2251 — jubal@dohms.com.br | **Jornalista Responsável:** Rosemeiry Tardivo - MT/RS Nº 898/06/51

Pastoral da Comunicação: Jacqueline Maria Ferreira — jamariaf@gmail.com | **Colaboradores:** Giorgio Dal Molin — giorgiojornalismo@gmail.com

com, Lúcia Nórdio — lucnoci@terra.com.br, Newton Sérgio de Carvalho, Pe. Ricardo Hoepers — rhoepers@uol.com.br,

Revisão: Agostinho Baldin — agostinhobaldin@terra.com.br | **Projeto Gráfico:** Luciano Popadiuk — Dohms Comunicação | **Tiragem:** 2.000 exemplares

Aqui e na China!

Outubro é tradicionalmente conhecido como o mês das missões. Por isso, o jornal Domus Dei peregrinou por três locais distantes de Curitiba, em busca de histórias de padres missionários. Cumprimos com a nossa missão e trazemos para o leitor as histórias de Manoel Messias Vilela, José Raul Matte e Valnei Pedro Reghelin. Os três são padres missionários e pregam, respectivamente, no Mato Grosso, Amapá e China. Acompanhe, em ordem de distância de Curitiba, as belas histórias desses três grandes missionários brasileiros. São histórias distantes, mas muito longe de algum lugar no “fim do mundo”. Boa viagem!

Por Giorgio Dal Molin

A história do humorista Padre Vilela.
Nascido e ordenado padre em Três Corações (MG), terra do rei Pelé, Manoel Messias Vilela passou longe de se tornar uma estrela do futebol. Mas o nome Messias já apontava que Vilela se tornaria estrela em outro campo: o missionário.

Com muito humor e boa vontade, Padre Vilela leva à comunidade da prelazia (divisão territorial) de São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, a palavra de Deus, onde a prega com outros 15 padres missionários (apenas dois desses são nativos). O “exército de Deus” atende mais de 150 mil quilômetros de extensão e aproximadamente 200 mil habitantes. “Estamos evangelizando os povos do sertão, da cida-

O bispo da prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Leonardo, pediu à arquidiocese de Curitiba padres com espírito missionário. E lá foi Pe Vilela, em nobre missão, enfrentar o isolamento, a solidão e a falta de recursos do interior do Mato Grosso. Mas o esforço é recompensado



Padre Vilela (esquerda) em São Félix do Araguaia.



Padre Raul Matte com os índios Waiapis, na foz do rio Amazonas.

Ordenado há exatos 40 anos, Padre Raul está há mais de 35 trabalhando com o projeto Missões Camilianas, que atende pessoas de diversas comunidades e leva esperança e cura a enfermos e necessitados

de e desenvolvendo um trabalho muito interessante com a Pastoral da Criança junto aos povos indígenas e acampados”, explica Padre Vilela.

O missionário e seus companheiros têm muitos projetos em São Félix do Araguaia. “Mas recursos para desenvolvê-los não temos nenhum”. Segundo ele, com a ajuda de sacerdotes e bispos de outros locais do Brasil, como Dom Ladislau, bispo de São José dos Pinhais, a comunidade foi presenteada com um computador, o que ajudou muito os projetos locais. Além disso, “com a ajuda de Pe Carlos Chiquim, subsecretário da CNBB Sul 2, consegui-

mos uma roda d’água para os índios xavantes (tribo de índios local)”. Junto ao bispo Dom Moacir, de Curitiba, o padre agora tenta conseguir filtros de barro para a população de São Félix do Araguaia. “A água aqui é de péssima qualidade”, explica.

Mas como Manoel Vilela foi parar em São Félix do Araguaia? Bom, segundo o próprio missionário, foi através de um projeto chamado “Igreja Irmã”, que oferece apoio humano e material a diversas arquidioceses e igrejas. O bispo da prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Leonardo, pediu à arquidiocese de Curitiba padres com espírito missionário. E lá foi Pe Vilela, em nobre missão, enfrentar o isolamento, a solidão e a falta de recursos do interior do Mato Grosso. Mas o esforço é recompensado. “Mesmo em meio a tantas dificuldades, vale a pena servir a Deus com muita alegria!”, afirma o bem humorado sacerdote que se não fosse padre, com certeza seria humorista. “É bom fazer os outros rirem. O ruim é quando riem de você!”.

A história do doutor Padre Raul

Certa vez, José Raul Matte estava visitando o Estreito de Beves, no Amazonas, com sua família. Ao ver que muitas pessoas eram carentes e pediam comida, ele e sua mãe, Maria Clara Matte, deixaram de jantar para dar comida àquele povo. Raul, ou Padre Raul, como é mais conhecido, teria dito: “Ai, que vontade de me jogar inteiro para essa gente”. Dois anos após a declaração, Padre Raul estava próximo dali, na Foz do Amazonas, no Amapá, atendendo e curando a alma e o corpo de centenas de pessoas. Além de padre, José Raul Matte é médico. O doutor Padre Raul.

Ordenado há exatos 40 anos, Padre Raul está há mais de 35 trabalhando com o projeto Missões Camilianas, que atende pessoas de diversas comunidades, levando esperança e cura a enfermos e necessitados. Na companhia de Irmã Socorro, Padre Raul trabalha por toda Foz do Amazonas. As missões são anunciadas no rádio antes de o Padre Raul chegar aos locais. “Às vezes ele leva dois dias para chegar no destino” – relata Jaime Sprada, amigo de infância de Raul.

Sprada conhece tudo do amigo. Eles se conheceram no colégio Santa Maria, ainda adolescentes, e criaram amizade após Padre Raul pedir dinheiro emprestado para o ônibus. Segundo Sprada, Padre Raul sempre levou jeito

para a profissão. Mas José Raul Matte poderia ter sido muitas outras coisas.

Padre Raul serviu ao exército e saiu como Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria, foi músico flautista e tocou na Orquestra Sinfônica do Paraná, formou-se em medicina e poucos anos depois entrou no seminário e se tornou padre. Hoje, aos 73 anos, ele une as duas últimas profissões ao tratar enfermos e pregar a palavra de Deus.

A paixão pelas missões é imensa. Tanto que quando Padre Raul vem a Curitiba para tirar férias e ficar com a família, já sente falta do Amapá. “Ele está completamente adaptado” – afirma Sprada. A mãe do missionário também reconhece que o filho está feliz nas Missões Camilianas. Dona Mariquinha, como é conhecida pelos amigos, diz que quando Padre Raul morrer, provavelmente, será enterado lá. Até mesmo por causa do custo. “Se a viagem do vivo já é cara, imagine a do morto” – brinca ela.

Mariquinha e seu marido, José Osvaldo Matte, com a ajuda do tio de Padre Raul, Armando Matte, homenagearam-no com a construção da Capela de São Camilo, em Curitiba. A capela fica em frente da casa de dona Mariquinha. E pensar que quando José Raul Matte disse que ia ser padre ninguém acreditou...

Missão do outro lado da Terra

“Tudo ajudou para que chegasse o memorável dia 04 de setembro de 1993, dia em que pelas mãos de Dom Estanislau (bispo da diocese de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul), recebi o Sacramento da Ordem”. A declaração é de Valnei Pedro Reghelin, que naquele mesmo dia receberia de Dom Estanislau Kreutz o envio para o grande sonho de Valnei: a vida missionária.

Exatamente um mês depois de receber o Sacramento da Ordem e dois meses após sua ordenação, Padre Valnei partia para uma outra vida, do outro lado do mundo, na China. O desejo do missionário sempre foi o de trabalhar no Quênia, depois de escutar, ainda criança, o testemunho de um padre que falou sobre o trabalho missionário na África. Mas não foi bem o que aconteceu. “Como a congregação estava iniciando um trabalho novo na Ásia, o superior geral de Roma me propôs vir para a China”, conta o padre que, com o sonho da missão correndo em suas veias, aceitou o convite.



Padre Valnei celebrando um batizado em Macau, China.

Depois de se familiarizar com o país, Padre Valnei hoje prega a palavra de Deus em Macau. Longe da família, o missionário adotou o povo chinês em seu coração. “Tenho uma família enorme aqui, ‘só’ um bilhão de chineses!”, diverte-se ele. Entre a comunidade que recebe os grupos e as atividades desenvolvidas pela missão, 98% das pessoas não são

Os trabalhos desenvolvidos na China não são fáceis. Ainda há muita resistência por parte do Governo Chinês em relação às missões e à Igreja Católica. Certa vez, Padre Valnei foi acordado às 3 horas da manhã em para ter seu quarto revistado

cristãs e muitos sequer conheciam a palavra de Deus e Jesus Cristo.

Os trabalhos desenvolvidos na China não são fáceis. Ainda há muita resistência por parte do Governo Chinês em relação às missões e à Igreja Católica. Certa vez, Padre Valnei foi acordado às 3 horas da manhã em uma cidade para ter seu quarto revistado. Nessa cidade, a pregação é proibida.

Padre Valnei também passou por outros grandes problemas, os quais, bravamente, foram contornados. Ele enfrenta uma doença grave, mas que está controlada: o Mal de Parkinson. O sacerdote teve de voltar ao Brasil para tratar o problema em Curitiba. “Deus enviou alguém que indicou o Dr. Ricardo Ramina, do Instituto de Neurologia de Curitiba, que propôs a cirurgia como tentativa de estabilizar a doença”. A cirurgia foi um sucesso e hoje Padre Valnei está de volta à missão na China. E ele faz questão de deixar uma mensagem para os jovens: “Não tenham medo de também dar uma resposta, há muita gente ainda esperando por ouvir a mensagem de Cristo e vocês podem ajudar!”.

Lançamento relata história dos Campos Gerais

Por Lúcia Nórdio

“**A** CONTECEU NOS PINHAIS” é o título do livro de José Carlos Veiga Lopes, lançado no último dia 13 de setembro, no Clube Curitibano. O autor, titular da cadeira nº 14 da Academia Paranaense de Letras, diz que buscou contar um pouco da história das comunas situadas no planalto, povoadas a partir da vila, posteriormente cidade de Curitiba, tendo o pinheiro como elemento dominante. Eram cobertas por imensos e densos

pinhais e povoadas inicialmente pelos povos portugueses, indígenas e escravos africanos.

Veiga Lopes cita a mineração, a criação de gado e o tropeirismo como fatores predominantes para ampliar o povoamento dessas regiões. Sua obra traz informações de noventa e seis municípios. “O critério para determinar quais municípios seriam citados deveu-se parte ao processo de povoamento e parte à localização geográfica” – explica. Segundo ele, não são as histórias dos municípios mas

A intimidade do autor com as terras retratadas vem da infância, do convívio com a região dos Campos Gerais do Paraná, que acabaram, segundo ele, por tornar-se inspiração para seus escritos

as informações ali contidas que poderão servir de subsídios, como o próprio subtítulo do livro sugere (Subsídios para as histórias dos municípios do Paraná tradicional do planalto).

É destinado aos interessados em se aprofundar nos acontecimentos ou mesmo para quem pretende escrever mais sobre a saga dessas terras. “Como são subsídios, não necessariamente são histórias completas, a minha idéia é que sirvam de apoio a quem quiser se dedicar a estudos mais detalhados” – explica.

A intimidade do autor com as terras retratadas vem da infância, do convívio com a região dos Campos Gerais do Paraná, que acabaram, segundo ele, por tornar-se inspiração para seus escritos. Veiga Lopes nasceu em Curitiba no ano de 1939, filho de Ângelo Ferrário Lopes e de dona Rosina Veiga Lopes. Formou-se em Engenharia Civil em 1961, pela Escola de Engenharia da Universidade do Paraná (Federal). É membro do Círculo de Estudos Bandeirante, do Centro de Letras do Paraná e Academia de Letras José de Alencar. Ocupa o cargo de 2º vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e faz parte da Comissão de Editoração da revista da Academia Paranaense de Letras. É, ainda, presidente da Associação dos Amigos do Arquivo Público do Paraná. Faz parte



José Carlos Veiga Lopes autografando seu livro “Aconteceu nos Pinhais”, no Clube Curitibano.



O titular da cadeira 14 da Academia Paranaense de letras reuniu diversos amigos no evento.

dos Conselhos de Editoração e da Sala do Artista Popular da Secretaria de Estado de Cultura.

No campo da literatura, conta que sempre se dedicou ao regionalismo, principalmente abordando os Campos Gerais. Sobre o assunto, publicou os livros de contos “Sapitada e Açoteira” e o romancete “As aves do céu têm ninhos”. Escreveu também o ensaio Curucaca, ave símbolo dos Campos Gerais.

Ainda no campo da história, tem outras obras, todas correlatas aos Campos Gerais: “Esboço histórico da Fazenda Santa Rita”, “Origens do povoamento de Ponta Grossa”, “Raízes da Palmeira”, “Informações sobre os bens de Nossa Senhora das Neves no Paraná”, “Antecedentes históricos de Porto Amazonas”, “Introdução à história de Tibagi”, “Primórdios das fazendas de Jaguariaíva e região”, “Fazendas e sítios de Castro e Carambei”, “História da Fazenda Santa Rita” e “Aconteceu nos Pinhais”.

O escritor disse que seu mais recente trabalho é proveniente de exaustivas pesquisas em fontes primárias – consultas a documentos originais em paróquias e cartórios, muitos deles, manuscritos. “O meu objetivo é tentar esclarecer dúvidas que sempre surgem a respeito da história paranaense” – afirma.

Em periódicos, ele tem publicado os estu-

dos históricos “O Bacacheri nos séculos XVII e XVIII”, “Campos de Guarapuava”, “O continente da Pedra Branca e as minas do Tibagi”, “Do cemitério do gentio ao cemitério parque” — contando sobre os cemitérios de Ponta Grossa —, “Alguns esclarecimentos históricos ao romance O drama da fazenda Fortale-

Veiga Lopes afirma que tentou cobrir uma lacuna existente nos registros históricos que tratam das comunas tradicionais. Deu destaque também para o papel marcante exercido pela erva-mate, a influência da imigração europeia não-ibérica, principalmente polonesa, ucraniana, alemã e italiana

za”, “Considerações sobre o lendário morro de Apucarana”, “Estrada de ferro Barra Bonita-Rio do Peixe”, “Considerações sobre o povoamento da Lapa” e “As bombachas do padre Reis”.

Com o livro “ACONTECEU NOS PINHAIS”, Veiga Lopes afirma que tentou cobrir uma lacuna existente nos registros históricos que tratam das comunas tradicionais. Deu destaque também para o papel marcante exercido pela erva-mate, a influência da imigração europeia não-ibérica, principalmente polonesa, ucraniana, alemã e italiana. Por último, citou a exploração florestal que completou a fase de ocupação dessas terras.

O início do povoamento da maioria das comunas deveu-se, segundo o escritor, a atividades rurais, quer seja pecuária, agricultura ou extrativismo. A obra tem dados sobre os primeiros sítios, fazendas e lavras. Conta o motivo pelo qual foi dado destaque a sesmarias, escrituras e registros de terras.

Lopes diz que os critérios adotados não são os mesmos para cada município, mas procurou colocar todas as datas de criação de distritos, vilas, municípios, comarcas, freguesias e paróquias. “Para cada município escolhi o que contaria” – observou.

Serviço:

O livro pode ser encontrado nas livrarias do Chaim e Dário Veloso.



Paróquia Nossa Senhora Aparecida, bodas de ouro no Barigui do Seminário

Por Lúcia Nórdio

Em 1953, foi criada em Curitiba a primeira paróquia em homenagem à padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Na época, um dos bairros mais povoados da cidade era o Barigui do Seminário, formado em grande parte por uma população católica que freqüentava a Igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus.

Os moradores reivindicavam ao então arcebispo da Arquidiocese de Curitiba, dom Ático Euzébio da Rocha, uma igreja na comunidade, citando as principais razões na ata da primeira reunião que discutiu essa possibilidade, em 31 de outubro de 1939, nas dependências da antiga “Sociedade Beneficente Seminário”. Argumentavam os benefícios que traria para a comunidade e para a geração futura, “a formação de vidas dignas da piedade divina, por praticar o Cristianismo com base na fé, esperança e caridade”.

Participaram dessa reunião 250 moradores, considerados os desbravadores. O padre misso-

nário redentorista Victor Coelho de Almeida foi um forte defensor da idéia, já preconizada por ele um ano antes, na ocasião do encerramento das Santas Missões, marcada pela visita da imagem de Nossa Senhora Aparecida a Curitiba.

Participou também da reunião a moradora Rosa Nadolny, casada com Francisco Nadolny, “respeitada esposa, mãe, dona de casa e responsável pela Olaria da família”. Entusiasmada com o projeto e fervorosa devota de Nossa Senhora Aparecida, dona Rosa disponibilizou um de seus terrenos para a construção da igreja. Após a obra ter sido autorizada pelo arcebispo, uma comissão cuidou dos assuntos administrativos. Para fazer o projeto, foi escolhido o arquiteto João de Mio.

No dia 8 de junho de 1941, foi lançada a pedra fundamental no terreno ainda descampado, que já servira de palco para diversas celebrações eucarísticas. A partir daí, tiveram início as festas campestres para arrecadar fundos para a

No dia 8 de junho de 1941, foi lançada a pedra fundamental no terreno ainda descampado, que já servira de palco para diversas celebrações eucarísticas. A partir daí, tiveram início as festas campestres para arrecadar fundos para a construção

construção. Em março de 1942, na igreja ainda inacabada, foi celebrada a primeira missa. Coube ao padre Antônio Putton, da Congregação dos Missionários de Nossa Senhora Consolata, a tarefa de preparar a instalação da paróquia, missão concluída em janeiro de 1953.

Às 9 horas do dia 11, representando a comunidade, o paroquiano Ary de Christan, na porta da igreja saudava a todos e agradecia a presença da comitiva liderada pelo arcebispo dom Manoel da Silveira D’Elboux, que chegou acompanhado de diversas autoridades do clero paranaense, entre eles o primeiro vigário local, padre Afonso Durigon.

No altar, majestosa, estava a imagem de Nossa Senhora Aparecida, uma réplica trazida de Aparecida do Norte (SP), em 1940, adquirida por cento e dois mil réis, angariados entre os desbravadores, naquela primeira reunião de 1939. A santa havia permanecido durante todo esse tempo sob a guarda da família Nadolny.

Em 1972 foram construídos prédios no terreno da paróquia, posteriormente alugados para a Secretaria de Educação, já tendo sido sede da



Fachada da Igreja após o fim da construção do muro, em 1961.



Escola República Argentina e Faculdade De Plácido e Silva. Atualmente as instalações são usadas pelas pastorais da paróquia.

Toda a história da paróquia Nossa Senhora Aparecida foi documentada no ano do seu cinqüentenário – 2003/2004. O atual pároco, Pedro Renato Carlesso, publicou um livro em homenagem aos principais personagens dessa obra. “Convoquei alguns paroquianos, formamos uma força tarefa e foram visitados todos os antigos moradores do bairro, que contaram suas histórias e nos cederam seus álbuns de fotografia. Conseguimos um acervo de 530 fotos” – conta o padre. Isso permitiu mostrar a participação de alguns paroquianos nos primeiros eventos da igreja.

Uma edição completa, de quase 150 páginas, mostra a trajetória de alguns, desde a primeira-comunhão, casamento, nascimento dos filhos e netos. Histórias de vida, entrelaçadas à da igreja, biografias completas da vida pessoal e profissional de cada família. “Até cópia de um romântico pedido de casamento a uma de nossas paroquianas conseguimos resgatar” – conta o padre Carlesso.

Conta também histórias do bairro, suas velhas fábricas, armazéns, oficinas, farmácias, consultórios, supermercados, postos, clubes, teatros, circos, cinemas, escolas. Mostra as antigas trilhas, que se tornaram movimentadas avenidas. Estabelecimentos que ficaram apenas na lembrança de cada um da comunidade, “preço pago para ver chegar o progresso” – lembra o padre, com saudades.

No dia 12 de outubro tem festa na Paróquia Nossa Senhora Aparecida. O tema escolhido dá ênfase à Campanha da Fraternidade 2007 – “Fraternidade e Amazônia – vida e missão neste chão”. Padre Carlesso diz que irão vestir

Uma edição completa, de quase 150 páginas, mostra a trajetória de alguns paroquianos, desde a primeira-comunhão, casamento, nascimento dos filhos e netos. Histórias de vida, entrelaçadas à da igreja, biografias completas da vida pessoal e profissional de cada família

a imagem de Nossa Senhora com o verde da natureza, em meio à água, e detalhes que homenageiem o povo indígena.

As três bem-aventuranças – Misericórdia, Paz e Justiça – serão pregadas pelo convidado especial, o padre redentorista Patrício McGillicuddy. O tríduo preparatório acontecerá nos dias 9, 10 e 11 de outubro, sempre às 20 horas. A comunidade será convidada a passar pela experiência da Misericórdia vivida pela mãe do Criador. Serão três dias de reflexão, ocasião em que cada um poderá refletir sobre a presença das três devoções em sua vida, perceber como tem sido o convívio com o próximo.

“Nossa intenção é que entendam que a ausência da Misericórdia abre espaço para a incompreensão, acusação, falta de perdão. Viver a Misericórdia a partir de si próprio nos faz misericordiosos com o outro” – ensina o pároco.

Para ele, o silêncio de Maria é um testemunho a ser vivido por todos. “Ela viveu a maior violência que um ser humano pode suportar: testemunhar a morte do filho”, frisa, observando que todos serão “convidados a viver, como Nossa Senhora, a paz que transcende o entendimento humano porque vem do Alto, a graça de deixar-se inundar por essa paz”.

No último dia da festa, 12 de outubro, todos serão levados a refletir sobre a importância da Fé. “Vivida com a liturgia e com as mãos, com obras” – enfatiza padre Carlesso. Nesse dia, pela manhã, serão celebradas duas missas, às 8 e às 10 horas, seguida pela cerimônia da bênção dos carros.

Como o dia 12 de outubro é também de homenagem às crianças, após o almoço, elas receberão uma bênção especial no salão paroquial e depois poderão participar das brincadeiras programadas para toda a tarde.

As atividades alusivas à festa de Nossa Senhora Aparecida se encerram às 19 horas, com missa seguida de procissão luminosa pelo bairro. “Estamos esperando gente de todos os lugares, pessoas que têm devoção a Nossa Senhora Aparecida e não podem ir a Aparecida do Norte” – diz o padre Pedro Renato Carlesso.



Celebração da primeira missa no templo em construção.

Coral Charitas: o desafio de resgatar a música sacro-erudita

Por Lúcia Nório

Há cerca de um ano, o padre Ricardo Hoepers, durante a missa, confessou o sonho de criar um coral na igreja São Francisco de Paula. Por uma coincidência que não se explica, um dos presentes à missa daquele domingo era o jovem maestro Heber de Castro, que estava ali levado por um amigo. Ele se entusiasmou com o projeto e, como ele, 60 paroquianos que se apresentaram como voluntários. Num breve tempo o grupo já havia realizado os testes vocais para identificação das vozes e realizava o primeiro ensaio, no dia 17 de outubro de 2006.

O maestro recorda que o trabalho foi árduo, exigiu persistência. “Fiz a classificação vocal de cada um em separado, para identi-

Além de reger o Coral, Heber de Castro exerce as funções de pianista, preparador vocal e o que mais aparecer

ficá-los por naipes – sopranos, contraltos, tenores e baixos. A partir daí, a questão passou a ser didática. Para alguns, era preciso ensinar o básico, convencê-los de que as dificuldades de afinação podem ser resolvidas no canto-coral. Aos poucos foi se formando uma grande família, cada um desempenhando seu papel” – lembra ele. Os contratempos, ajustes e anseios terminaram no dia 10 de dezembro, quando o Coral fez a sua estréia, e o sonho do padre Ricardo Hoepers se concretizou.

Eles usam a música para divulgar um estilo de vida cristão baseado na fé, esperança



Estréia do Coral Cháritas em dezembro de 2006.

e caridade. As vinte canções que compõem o repertório básico do grupo foram cuidadosamente escolhidas para cumprir a missão de evangelizar. Segundo o maestro, são composições preferencialmente sacro-litúrgicas – estilo pouco usado atualmente –, com mensagens que buscam maior intimidade com Deus. Ele explica que a idéia é tocar o coração dos que ouvem com a mesma intensidade que tem transformado a vida dos que cantam. “A música transcende, é um ótimo instrumento de conversão” – acentua o maestro.

Além de reger o Coral, Heber de Castro exerce as funções de pianista, preparador vocal e o que mais aparecer. Mas nem ele, nem o grupo têm queixas. “A fisionomia de cada um ao final de um dia de ensaio ou de apre-

sentação é muito gratificante, um sentimento que supera qualquer cansaço físico”, diz o maestro. Alguns integrantes desempenham com alguma dificuldade, outros desenvolvem suas competências com grande habilidade, mas no final predomina o conjunto. “Ninguém é dispensável, se um deixa de comparecer faz falta” – observa o maestro.

O grupo também reconhece no regente um importante apoio. “Dedicado, amigo, incentivador, persistente, paciente ao ensinar e corrigir” são alguns dos atributos a ele atribuídos. Da mesma forma é reconhecido o empenho da noiva de Heber, Evelyn, que atua nos bastidores, organizando tudo, das partituras às correspondências. “Sem essa parceria, o trabalho seria praticamente invi-

ável; é uma tranquilidade ter esse apoio na retaguarda” – diz o noivo.

Talento no DNA

Formado em Belas Artes, com especialização em canto-coral, Heber de Castro tem apenas 26 anos, boa parte deles dedicados à música, que, como faz questão de frisar, “está no sangue”. Do lado materno, 90% dos parentes estão envolvidos com a música. “Minha mãe foi uma ótima pianista e tinha uma bela voz de soprano; recordo-me que ainda pequeno, eu já a acompanhava em suas apresentações”, conta.

Toda essa experiência não impede que ele fique apreensivo ao ensaiar uma nova composição. Mas o resultado, sempre surpreendente, o entusiasma cada vez mais. “O clima dos ensaios colabora para o sucesso do grupo. Os encontros sempre acabam em abraços, em confraternização” – diz ele. O relato é confirmado por uma expressão que aparece em praticamente todos os depoimentos dos coralistas: é uma terapia.

Pelas afirmações notam-se resultados muito semelhantes na vida de cada um deles:

“Estou feliz, cantar faz bem, é uma verdadeira terapia para o corpo e a alma”.

“O coral tem feito muita diferença em minha vida, acabou com minhas tristezas”.

“Quando estou no coral, me desligo de tudo. É meu momento de terapia e interiorização”.

Padre Ricardo diz que o coral faz parte do processo de revitalização da liturgia da paróquia. Um resgate do patrimônio sacro.

“Aguardo com ansiedade as terças-feiras. Cantar e encontrar amigos não tem terapia melhor”.

“Aprender mais de música sacro-religiosa aumentou minha fé e isso tem sido muito importante em outras áreas de minha vida”.

“Deus quis que o homem soubesse utilizar a voz para louvá-Lo. Com a música espero estar dando minha contribuição”.

“É muito bom cantar, elevar preces ao Céu e ajudar outras pessoas a se encontrarem com Deus através de nossas músicas e canto”.

“A música trabalha minha espiritualidade, e para mim é a forma mais sublime de chegar a Deus”.

“A música prepara o espírito para uma oração mais íntima com o Criador. Os corações tornam-se mais sensíveis. É o momento em que a evangelização pode penetrar profundamente na alma dos presentes. Para

os cantores é tudo isso e o melhor: um grande prazer participar dessa elevação!”.

“Morando vizinho à Paróquia São Francisco de Paula, uma noite estava tomando banho e ouvi uma música que me chamou a atenção. Era um canto diferente, seduziu-me de imediato. Como que hipnotizado saí rápido ao encontro daquele som. Foi assim meu primeiro contato com o coral. Hoje sou um do grupo e agradeço a Deus por este chamado”.

Padre Ricardo diz que o coral faz parte do processo de revitalização da liturgia da paróquia, assim como o jornal Domus Dei. Um resgate do patrimônio sacro. “A Igreja tem uma riqueza musical muito grande, um repertório sacro-erudito que precisa ser mais divulgado, e nosso coral tem feito muito bem esse trabalho”. De maneira especial ele agradece ao maestro Heber e sua noiva Evelin, a disponibilidade e dedicação, “essenciais para manter um coral de excelência”. Padre Ricardo considera o grupo “um grande presente de Deus nas vozes de paroquianos. “Rezemos para que perseverem e aprimorem cada vez mais seus dons” – apela ele.

O grupo responde de maneira afirmativa aos apelos do religioso: “ainda temos muito caminho pela frente, muita coisa para aprimorar e para aprender, mas não vamos desistir, boa vontade é o que não nos falta” – confia um coralista. A manifestação tranquiliza também o regente, já que reconhece que “pode haver coral sem maestro, porém maestro sem coralistas, jamais!”



Charitas



Nossa comunidade abraça a Campanha de Solidariedade

Coleta da missa em louvor à Padroeira do Brasil irá ajudar vítimas do terremoto

Os paroquianos da Igreja de São Francisco de Paula abraçam a campanha nacional de solidariedade “SOS Peru”, que arregimenta ajuda para o povo vitimado por forte terremoto, em agosto último. A tragédia deixou mais de 500 mil mortos, cerca de 1.500 pessoas feridas e pelo menos 85 mil desabrigadas.

Enviaremos aos peruanos a coleta da missa em louvor a Nossa Senhora Aparecida, a ser celebrada às 10 horas do dia 12 de Outubro. Vamos manifestar nossa fé à Padroeira do Brasil através da solidariedade e da generosidade para com nossos irmãos e vizinhos.

A Campanha “SOS Peru” é uma iniciativa da CNBB em conjunto com a Cáritas Brasileira, em sintonia com a campanha internacional

coordenada pela Cáritas Internationalis, com sede no Vaticano. A campanha estará aberta até o dia 30 de novembro.

Além de participar de coletas solidárias, durante as missas, o brasileiro cristão pode fazer suas próprias doações e contribuir, também, com a divulgação da campanha junto às comunidades, paróquias, dioceses e escolas católicas, além de meios de comunicação, internet, mala direta.

As doações em dinheiro podem ser depositadas nas contas bancárias abertas pela Cáritas Brasileira para esta finalidade.

Solidariedade e Oração

“Pedimos também orações pelas vítimas dessa catástrofe e confiamos nossa ação à prote-

ção da Virgem Maria, que invocamos como a Senhora da Conceição Aparecida”, diz o documento emitido para divulgar a campanha, assinado pelo presidente da CNBB, Dom Geraldo Lyrio Rocha; pelo Vice-Presidente, Dom Luiz Soares Vieira, e o pelo Secretário Geral da entidade, Dom Dimas Lara Barbosa.

Através desse documento, a CNBB faz apelo à solidariedade e generosidade dos cristãos e de todo o povo de boa vontade para uma grande corrente de solidariedade. As doações serão destinadas a ações de socorro imediato, reconstrução e recuperação de danos materiais e humanos, coordenados pela Rede Cáritas no Peru.

Rede de atuação social

A Caritas Internationalis é uma rede da Igreja Católica de atuação social, composta por 162 organizações presentes em 200 países e territórios, com sede em Roma. A Cáritas Brasileira, organismo da CNBB, foi criada em 12 de novembro de 1956 e é reconhecida como de utilidade pública federal.

Atua com diversas cores e sotaques, com mística e trabalho ecumênicos. Seus agentes trabalham junto aos excluídos e excluídas, muitas vezes em parceria com outras instituições e movimentos sociais. Atualmente, a Cáritas Brasileira tem quatro linhas de ação, presente em nove regionais.

Cáritas Brasileira – SOS Peru

Banco do Brasil

Agência 3475-4 — Conta corrente 40.500-8

Banco Bradesco

Agência 0484 — Conta corrente 117.017-1

Fotos: Reuters/AIN



Criança à espera de socorro nas montanhas do Perú. Acima, imagem da destruição causada pelo tremor.

Em nossa igreja, a marca de um mestre e realizador

Edificação de importância histórica e cultural, um dos destaques do patrimônio sacro de Curitiba, a Igreja de São Francisco de Paula é uma das poucas da capital a ostentar um Brasão Arquiepiscopal na sua fachada. É o Brasão de Dom Manoel da Silveira D’Elboux, arcebispo de Curitiba de 1950 a 1970.

O padre Paulo Iubel, pároco da Paróquia da Imaculada Conceição, do bairro Guabirota, um dos poucos conhecedores de Heráldica Eclesiástica do Brasil, faz a descrição simbólica do Brasão de Dom Manoel da Silveira D’Elboux:

Os quatro campos entrelaçados simbolizam as famílias Silveira e Camargo, da origem de Dom Manoel. O timbre é a Cruz de dois braços. Os ornamentos são próprios dos Arcebispos: chapéu e a seqüência de dez borlas, nos flancos, dispostas na ordem de uma, duas, três e quatro e o pálio. O lema ou mote é *Caritas Christi Urget*, que significa “O amor de Cristo nos compele”. São palavras tiradas da Bíblia (2 Cor 5, 12) que resumem o programa da ação pastoral e da vida do Arcebispo.

Um nome que não pode ser esquecido

Dom Manoel da Silveira D’Elboux foi um grande realizador. Em artigo publicado no jornal Voz da Igreja, em 2004, Dom Pedro Fedalto, Arcebispo Emérito de Curitiba, fala da vida e da sensibilidade de Dom Manoel, com quem conviveu por 16 anos. “Dom Manoel foi o maior mestre em minha vida. É um nome que não pode ser esquecido. Seu testemunho e suas obras falam por ele”, afirma Dom Pedro.

Ele lembra que o Arcebispo criou novas dioceses no interior do Estado, a começar por Londrina e Maringá; fez construir a Universidade Católica do Paraná; ampliou o Seminário Menor (bairro do Seminário); construiu o modelar Seminário de São José, em Órleans,



“Dom Manoel foi o maior mestre em minha vida. É um nome que não pode ser esquecido. Seu testemunho e suas obras falam por ele”, afirma Dom Pedro Fedalto, Arcebispo Emérito de Curitiba

hoje o maior patrimônio da Arquidiocese de Curitiba, e abriu o Seminário Maior Rainha dos Apóstolos.

Criou 53 paróquias novas e convidou 18 congregações e 31 congregações femininas para colégios, hospitais e obras sociais e mais contemplativas – Sacramentinas, Sion, Carmelitas e Beneditinas.

Para a formação, especialmente de leigos, construiu a Casa de Retiros Nossa Senhora do Mossunguê. Durante seu governo episcopal, promoveu dois Congressos Eucarísticos: o Provincial (1953) e o Nacional (1960), além da Cruzada do Rosário em Família (1964), Santas Missões (1952 e 1959).

Conhecimento sobre religião e dúvidas sobre a fé, revelados em pesquisa

O conhecimento sobre religião, as dúvidas relativas à fé e religião, bem como temas de maior interesse são algumas das importantes questões levantadas pela pesquisa realizada no mês de abril junto aos paroquianos da igreja São Francisco de Paula. Os questionários foram aplicados durante as missas de sábado e domingo e respondidos por 727 pessoas.

As respostas foram tabuladas por universitários de Estatística e os resultados estão sendo divulgados, em etapas, pelo jornal *Domus Dei*.

Nas edições anteriores mostramos o perfil dos paroquianos e os hábitos e frequência à igreja. Conheça agora o resultado de mais uma relação de questões levantadas pela pesquisa.

Qual seu nível de conhecimento sobre religião? Para esta pergunta, a resposta de 264 pessoas (36,72% do total de participantes da pesquisa) foi que o nível de conhecimento é médio. Outras 235 pessoas (32,32%) disseram ter conhecimento “suficiente”. Cinquenta e uma pessoas (7,02%) afirmaram ter conhecimento profundo da religião.

Outra questão importante: a maioria dos entrevistados (321 pessoas ou 44,15%) tem “alguma” dúvida sobre questões de fé e religião. Um número expressivo (158 pessoas ou 22,22%) tem “poucas” dúvidas, e uma boa parcela (19,13%) tem “muitas” dúvidas. Noventa e seis entrevistados (13,50%) disseram não ter “nenhuma” dúvida.

A pesquisa perguntou qual tema de maior interesse do paroquiano. A maior parte apon-

tou Jesus Cristo (174 pessoas ou 24,75%), seguido pelo tema Bíblia (172 pessoas ou 24,47%) e Ciência e Religião (20,48%). Foram indicados, ainda, História da Igreja (9,96%) e Bíblia/Jesus Cristo (7,25%).

A maioria dos paroquianos que responderam à pesquisa (387 pessoas – 53,23%) recebeu

os sacramentos do Batismo, Eucaristia, Penitência, Crisma e Matrimônio.

Quase todos os paroquianos (98,62%) são batizados e recebem a Eucaristia (94,50%) e a Penitência (90,51%). Do total, 87,35% foram crismados e 66,30% receberam o sacramento do Matrimônio.



O guarda-chuva, a família e os adolescentes

Por Newton Sérgio de Carvalho

Não se sabe direito quem inventou o guarda-chuva. Dizem que é usado desde 340 a.C., na Grécia. Outros falam que é uma invenção dos egípcios. Dizem que no Antigo Egito era utilizado tanto pela família real quanto pelos nobres como símbolo da posição que ocupavam na hierarquia teocrática. Sabe-se que só no século XVIII o inglês Jonas Hanway registrou a invenção na Europa. Embora o historiador Elcio Valentin, do Museu Histórico Nacional do Guarda-Chuva diga que: “Quem usa mais é o pobre, que não tem um meio de transporte próprio para fugir das intempéries do tempo”, hoje todo mundo usa, do cidadão mais abastado ao paupérrimo. Tem sido citado também, em sua versão de sobrinha, como um detalhe da elegância e também utilizado para retratar a arte, como de Claude Monet para expressar a genialidade de seus retratos (*vide* acima o famoso quadro *Am Strand von Trouville*). O fato é que o guarda-chuva traduz **modelo de PROTEÇÃO**, da chuva, do sol, das intempéries... Além do que, para alguns pode ser mesmo utilizado como bengala para escorar o avanço dos anos e também, quando provido de uma

haste afilada em seu interior, já foi usado como uma arma. Em uma tempestade temos que segurar seu cabo com firmeza, caso contrário o vendaval nos tomará com sua força. A semelhança do Cristo que falava metaforicamente através de parábolas, nada melhor que utilizar o guarda-chuva como um exemplo de segurança e proteção, comparando-o com a família. Esta situação tem impacto capital junto a nossos filhos que tanto necessitam da proteção familiar como a de um guarda-chuva. Quando crianças, naturalmente estão sob os cuidados de um ou outro adulto... quando adultos, praticamente já traçaram seus rumos pela vida, mas... quando adolescentes sim, são os que mais necessitam dessa proteção. Uma prova disso é que em estudo que realizamos junto a adolescentes, alunos de escolas públicas de segundo grau, em Curitiba, observamos que, comparando aqueles que não moravam com os pais (citando o casal ou um dos pais) com os que moravam, encontramos maior incidência do início precoce do relacionamento sexual, maior presença de doenças de transmissão sexual e maior uso de drogas ilícitas. Demonstramos assim que os adolescentes

ainda não têm seus conceitos de “certo” e “errado” completamente definidos e fixados. Necessitam estar sob os auspícios de um adulto que os oriente e, **sobretudo imponha limites**. Isto não significa que se torne proibitivo deixarmos nossos filhos adolescentes morarem fora de nossos lares, mas obrigatoriamente nosso lar, ainda que de forma virtual, deve alcançá-los revelando que alguém, ainda que distante, se preocupa com eles. Obviamente esta orientação e preocupação não devem ultrapassar os limites do bom senso, e

cada pai deve conhecer o quanto influir na vida de cada filho. Sem dúvida que nosso guarda-chuva, quando se trata de adolescentes, deve ser de maior amplitude e o cabo seguro com firmeza. Que consigamos albergar nossos adolescentes com segurança e orientação adequada seja a meta como pais e orientadores.

Newton Sérgio de Carvalho – Médico, Mestre e Doutor – Professor de Ginecologia e Obstetrícia e coordenador da Disciplina de Doenças de Transmissão Sexual da Universidade Federal do Paraná



Reprodução de *Am Strand von Trouville* de Claude Monet.